

A partilha do fogo

Apresentação

1

Em uma resenha de Walter Benjamin, dedicada a *El circo* (1917) de Ramón Gómez de la Serna, texto surpreendentemente obliterado pela crítica eurocentrada, se afirma que as “idéias mais inauditas e curativas”, as próprias iluminações profanas, vêm de um nada, de um quase nada. Lançando mão desse “quase nada”, em conferência de 2019 dedicada a Benjamin, Raúl Antelo propunha a figura do artista saltimbanco como aquela figura que daria conta, justamente, da nossa própria pobreza.

O saltimbanco é a evidência de uma pura potência de significação, antes das formas e no lugar vazio das forças. Está como que atravessado por um nada, por uma espécie de vazio constituinte do poder ou por um jogo que, longe da função ritualística do *trickster* (que pressupõe a existência de um laço social, de uma sociedade estruturada à qual ele serve como figura de transgressão), e longe de uma catarse revigorante como a que permitiria o conservadorismo picaresco, vive uma vida póstuma sem ter vivido nunca uma vida viva. Isso quer dizer que o saltimbanco está mais próximo do caráter criatural que o humano adquire no barroco do que dos restos, sempre dignos, constituídos pelas ruínas de monumentos ou pelas peças de um antiquário. É artista da fome antes dos atributos da arte.

Ora, um bufão não é um palhaço, e nem um saltimbanco. Não é do todo ao nada nem do nada ao todo que o bufão transita, mas do nada ao

nada. É a imagem de uma escatologia de dupla mão, entre o *éskhatos* (final) e o *skatós* (excremento) com que não raramente brinca. O que acontece quando longe de entreter o trono, o bufão passa a ocupá-lo? O que acontece quando as cabeças cortadas não são mais a exceção que faz a regra, nem a vida algo a ser administrado, mas o próprio cerne de um “fazer morrer” que, de acordo com Achille Mbembe, constituiria a necropolítica longe dos centros metropolitanos da *bíos*?

De que maneira pensar hoje –em tempos de *éskhatos* que se administram e se vivem a partir da lógica do *skatós*– a nossa própria pobreza? As condições atuais do trabalho, da técnica e da política nos permitem a iluminação profana de uma pura potência de significação, ou também fomos despojados desse supremo bom gosto que foi eleger entre os nossos próprios pesadelos? O circo, finalmente, pegou fogo ou o fogo se tornou o próprio circo? A merda suplementar ocupou o lugar dos fundamentos e das fundações? As violências privatizadas equivalem ao moderno, e já passado, “monopólio da violência”? Que diferença implicam essas violências?

2

Nestes tempos de pandemias, de milícias, de negacionismos e de terras planas, é a partir dessas perguntas que a revista *Landa* abriu sua chamada para trabalhos que abordassem momentos, nuances e cenas dessa passagem do bio ao necropolítico.

Recebemos contribuições que aceitaram considerar essa passagem, a começar pelo trabalho de Ágata Káiser, cuja proposta de Leitura de *Mano, a noite está velha*, de Wilson Bueno, associa consciência de classe e necropolítica. O artigo de Agustina Catalano, por sua vez, retrata o poeta Rodrigo Santoro como saltimbanco, para também aproximá-lo e contrastá-lo com o modelo do compromisso.

Em “Escrita-eco...” Alessandra Deifeld e Elisa Helena Tonon refletem sobre a visibilidade, o reconhecimento e a representação da chamada literatura indígena, principalmente da produzida nas últimas décadas do século XX. Cris Torres, também enfatizando o cenário atual, e considerando a pandemia e a sua gestão, em “Fragmentos do contemporâneo” convoca alguns poemas de Carlos Drummond de Andrade, de Ossip Mandelstam, e as célebres reflexões de certo filósofo

antilockdown, com o propósito de tecer algumas considerações profanas sobre barbárie e poesia.

“Memórias e balandrau, outros sinais de vida...”, de Manoel Ricardo de Lima e Júlia Alexim, propõe uma leitura do filme *Fico devendo uma carta sobre o Brasil* de Carol Benjamin (2020) e do livro *Logomaquia* (2015) de Júlia Studart. Natalie Lima, também abordando poesia contemporânea, foca sua atenção no poema “Prólogo canino operístico”, do *Livro das postagens* (2016) de Carlito Azevedo, para discutir questões como autoria, coralidade, processos não criativos de escrita e temporalização do presente.

Em “Sobre as cinzas da partilha do fogo...” Janniny Gautério Kierniew, Pedro Augusto Papini, Rafael Camelier da Silva e Simone Zanon Moschen, revisitam alguns aspectos da vida e da obra do artista porto-alegrense Otacílio Camilo, especialmente a ação coletiva *Terreno de Circo* (1985), à procura de um “*ethos emergente*”. Finalizando a “Chamada aberta”, Thiago Fernandes aborda trabalhos das artistas Rosana Paulino e Regina José Galindo, para pensar a partir de alguns pressupostos da negatividade crítica, políticas do silêncio/do silenciamento na América Latina.

O dossiê *Metamáquinas. Ficciones sobre técnicas y maquinaciones*, organizado por Mary Luz Estupiñán Serrano e Raúl Rodríguez Freire, recolhe trabalhos que, a partir da reflexão teórica ou crítica, e desde a criação ensaística e narrativa, se perguntam pela escritura que ousa pensar seu próprio caráter escritural, seus artefatos e seus suportes. Engenhocas retóricas, máquinas de linguagem, ficções discursivas, artificios maquínicos, são relevados pelos trabalhos assinados pelos organizadores do dossiê e por Juan Castro, Gabriela Milone, Jorge Wolff, Ana Porrúa, Mario Cámara, Hugo Herrera, Eugenia Prado Bassi e Nohelia Meza, confluindo na consideração de que as ficções, como as máquinas, operam envolvendo, capturando e/ou abrindo linhas de fuga para os corpos de quem escreve e de quem lê, articulando escritura e corpo a uma economia híbrida. Se a linguagem e sua escritura se produzem maquinicamente, as ficções, como as máquinas, são produtoras de subjetividade e, inclusive, de elementos para a articulação ou confronto entre corpos, sejam artificiais ou “naturais”;

ciborgues, andróides, humanos, assim, amplificam as possibilidades e a potência das escrituras que os produziram, pois toda metaficção é também uma metamáquina.

O dossiê *Universidade, virtualidade, experiência*, organizado por Byron Vélez Escallón e Artur de Vargas Giorgi, recolhe a memória de evento acontecido entre os meses de Julho e Setembro de 2020. Proposto pela Linha de Pesquisa Estudos Literários e Culturais Latino-americanos (PPGLiT-UFSC), com apoio do Núcleo Onetti de Estudos Literários Latino-Americanos e do Núcleo de Estudos Literários e Culturais (NELIC), o Colóquio Virtual “Universidade, virtualidade, experiência”, consistiu numa série de encontros e debates via Web-conferência da RNP, que também foram editados e publicados como vídeos no canal de YouTube da *Revista Landa*. Neste dossiê, a cuja apresentação específica convidamos os nossos leitores, se incluem as intervenções dos organizadores e dos pesquisadores e pesquisadoras Raúl Antelo, Susana Scramim, Carlos Capela, Ricardo Gaiotto, Jefferson Mello, Luz Rodríguez Carranza, Pedro Brum, Rafael Alonso e Raúl Rodríguez Freire.

4

Em “Evasão” (publicado originalmente em *Evasión y otros ensayos*, de 2018), único texto da seção “Olhares” desta edição, César Aira reflete, em seu tom singular que mescla o riso sardônico e a agudeza crítica, sobre o engajamento a literatura de evasão a partir de *The black arrow* de Stevenson, e sobre o espaço literário e cinematográfico, ao mesmo tempo em que se burla das escritas do eu: “a privatização do conflito social, sua internalização em forma de psicologia, autobiografia, autocomplacência, deixou o tempo como única ferramenta operável. E como do tempo ninguém escapa”...

Encerrando o número, Christina Soto van der Plas resenha o livro *Interpelaciones: indicios y fracturas en textos latinoamericanos* (Eduvim, 2019), de Luz Rodríguez Carranza.

Agradecemos à equipe de revisão e editoração, assim como aos colaboradores e colaboradoras que fizeram possível esta edição. Em tempos de incêndio generalizado, só a generosidade nos cura.

A equipe editorial